



“Educação como prática de Liberdade”:  
cartas da Amazônia para o mundo!

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ (UFPA)  
SET-OUT 2021

ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

8796 - Resumo Expandido - Trabalho - 40ª Reunião Nacional da ANPEd (2021)

ISSN: 2447-2808

GT16 - Educação e Comunicação

Pedagogias ciberfascistas: uma análise sobre o trabalho das milícias digitais

Felipe da Silva Ponte de Carvalho - UERJ - PROPED - Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Agência e/ou Instituição Financiadora: FAPERJ

### **Pedagogias ciberfascistas: uma análise sobre o trabalho das milícias digitais**

**Resumo:** A cartografia *online* discutida neste trabalho é um desdobramento de uma pesquisa de tese recém-concluída, em que objetivamos compreender como determinados grupos (vistos como milícias digitais) vêm operando as suas ações e os seus instrumentos didático-pedagógicos, tendo a sociedade como aprendente. Pensamos-fizemos esta cartografia *online* a partir de estudos pós-estruturalistas, que partem das discussões foucaultianas, deleuzianas, guattarianas, (ciber)culturais, entre outras. A cartografia se constitui por um conjunto de linhas que possibilitam produzir uma dada realidade. Traçamos como linhas de entrada de problematização os vídeos com os depoimentos do deputado federal Alexandre Frota (eleito pelo PSL-SP, hoje PSDB-SP) e da deputada federal Joice Hasselmann (PSL-SP) durante a Comissão Parlamentar Mista de Inquérito (CPMI) das fake news e assédios virtuais em 2019. Por meio dessas linhas, buscamos mostramos fragmentos de como as milícias digitais bolsonaristas operam as suas ações e os seus instrumentos didático-pedagógicos em/na rede. Como resultado desta cartografia *online*, chegamos ao entendimento de que as ações e os instrumentos didático-pedagógicos mobilizados têm dado forma a pedagogias ciberfascistas: pedagogias operacionalizadas para governar as condutas dos sujeitos por meio da produção, compartilhamento e viralização de práticas e de conteúdos odiosos, destruindo a humanização do outro, transformando-o em coisa, objeto, algo sem vida.

**Palavras-chave:** ações e instrumentos didáticos-pedagógicos; cartografia *online*; pedagogias ciberfascistas.

### **Resumo expandido**

De 2017 a 2020, cartografamos *online* diversas estratégias de como determinados grupos, sobretudo bolsonaristas, têm propagado o pânico moral e ódio as diferenças por meio de “notícias falsas/*fake news*” (SANTAELLA, 2018). Vemos esses grupos em termos de milícias digitais. Uma de nossas apostas é de que esses coletivos atuam mobilizando distintas

pedagogias, pensadas, aqui, a partir da ideia de “governo” (FOUCAULT, 2006; Ó, 2009) como formas/maneiras/modos específicos de conduzir os sujeitos a determinadas experiências, condutas, processos formativos, produção de subjetividades. Como “um exercício permanente que entrecruza os comportamentos de todos e cada um de modo homólogo” (Ó, 2009, p. 100).

Outras teorizações que atravessam as nossas discussões são aquelas que tratam do “fascismo eterno” (ECO, 2018), que tem como algumas de suas características o culto à tradição, a rejeição a novas ideias, a oposição à análise crítica, a imposição através do medo e do terrorismo, o constante estado de ameaça, o nacionalismo, o racismo, a misoginia, o machismo, a xenofobia, o populismo e messianismo, entre outras; e do “fascismo digital”(HELHING,2009), cujas características são a vigilância em massa, experimentos antiéticos com humanos, engenharia social, conformidade forçada (*Gleichschaltung*), propaganda e censura, ditadura “benevolente”, policiamento, diferente valorização das pessoas, relativização dos direitos humanos.

Para fazer esta cartografia *online* nos movimentos pelos princípios éticos e epistemológicos da cartografia a partir dos pressupostos de Deleuze e Guattari (1995, p. 22); articulamos a mapas político-processuais: “aberto, é conectável em todas as suas dimensões, desmontável, reversível, suscetível de receber modificações constantemente”. A cartografia é a produção de uma dada realidade (desejo) - é um conjunto de múltiplas linhas diversas operando simultaneamente, linhas essas pensadas, nesta pesquisa, como um ponto de entrada/abertura para problematizações, análises, entendimentos sobre o presente. Partimos do pressuposto de que as linhas são constituídas por representações, significações, fluxos e se produzem nas dobras, rupturas e descontinuidades histórico-políticas-sociais e culturais.

Para produzir esta cartografia *online*, traçamos como linhas de entrada de problematização os vídeos contendo os depoimentos do deputado federal Alexandre Frota (eleito pelo PSL-SP, hoje PSDB-SP) e da deputada federal Joice Hasselmann (PSL-SP) durante a Comissão Parlamentar Mista de Inquérito (CPMI) das *fake news* e assédios virtuais instalada no Senado Federal em 2019. Os vídeos são dos dias 30 de outubro de 2019, data do depoimento do deputado Frota (PSDB-SP) na CPMI, com duração de 5 horas, 29 minutos e 10 segundos, e 4 de dezembro de 2019, dia em que a deputada Hasselmann depôs na mesma CPMI por 9 horas, 20 minutos e 29 segundos. Por meio dessas linhas, buscamos mostrar como as milícias digitais bolsonaristas operam as suas ações e os seus instrumentos didático-pedagógicos em/na rede. Aqui utilizamos as ferramentas conceituais foucaultianas de discurso e enunciado para cartografar como as enunciações desses depoimentos da CPMI operam sentidos e articulam processos deformativos praticados em/ na rede.

Cabe destacar que o deputado Frota e a deputada Joice participaram do golpe de 2016 e atuaram na campanha eleitoral de Jair Bolsonaro à presidência da República. Hoje são ex-aliados ressentidos com o governo Bolsonaro e fazem parte de um movimento dissidente bolsonarista, porém alinhado a moralidades específicas da ultradireita e do neoliberalismo. É interessante notar nos trechos dos dois depoimentos reproduzidos adiante como se contradizem ao dizer “a verdade”, justamente porque não estão realizando um trabalho ético, apenas uma manobra de governo, um gesto cínico, raivoso, perseguindo rotas igualmente antidemocráticas, reacionárias e ultraliberais.

Temos a tarefa de investigar o *modus operandi* de milícias digitais, tão comum nas redes sociais. Ataques combinados, fogo amigo, assassinato de reputações, *fake news*, ameaças contra aliados, contra mulheres, contra os nossos filhos ou qualquer um que não aceite compactuar com que eu chamo hoje de seita. Um terrorismo virtual, assédio digital, que vai aos extremos, pessoas que atuam de maneira perversa

em cima da intimidação. De amadores iludidos passaram a assessores parlamentares credenciados e remunerados, saíram do esgoto, ratos de web. Essa milícia virtual existe, está clara e é de conhecimento nacional e da maioria que quer enxergar o que vem acontecendo. São responsáveis por muitos problemas que acontecem com suas ideologias, indicações de cargo, fomento da raiva e do ódio ([Deputado federal Alexandre Frota PSDB/SP](#), 2019).

De acordo com o deputado, o atual presidente da república, Jair Bolsonaro, é quem financia a milícia digital. O objetivo é promover o terrorismo e o assédio nas redes sociais. A composição dessa milícia, segundo o deputado, é formada por quatro assessores, um assessor internacional e três que atuam de dentro do gabinete da Presidência da República propagando e viralizando o terror, o medo e o ódio, o que levou esse gabinete a ser chamado de “gabinete do ódio” (FROTA, 2019). O deputado relata que esses assessores não só comandam as milícias digitais como também controlam os perfis falsos nas redes, atuando dentro do próprio gabinete da Presidência e contando com a coordenação de Carlos Bolsonaro, filho do presidente da República.

Os meninos do Bolsonaro, como ele próprio gosta de chamar e já conhecidos nas mais diversas reportagens de revistas de cunho nacional, trabalham com perfis falsos, em excesso. Sabemos o quanto é grave a existência da rede de intrigas de Bolsonaro, que produz material em escala atacando quem estiver na frente ou venha a discordar, venha a fazer o contraditório [...] São muitos perfis! Bolsonéias, Bolsonaro 2.0 [...] Eles [os meninos do Bolsonaro] estão também, também, em gabinetes de deputados, aqui na Câmara, usam as horas vagas para atacar, criam grupos no WhatsApp e operam dessa maneira [...] Aqui eu tenho todos os conceitos de milícias virtuais utilizados atualmente e aí tem vários aqui, tem os formadores de opinião, tem os youtubers, tem aqui os bloguesferas, tem aqui a mídia e tem os políticos que concordam com o que é feito [...] Vêm de dentro do Palácio do Planalto os três personagens que vieram das redes bolsonaristas e tiveram oficializadas as suas redes de ataque com dinheiro público. E quem coordena? Carlos Bolsonaro. Direto do Rio de Janeiro, ele coordena realizando reuniões e disparando via WhatsApp os seus comandos ([Deputado federal Alexandre Frota – PSDB/SP](#), 2019).

O depoimento proferido revela fragmentos de como “os meninos do Bolsonaro” operam em/nas redes, ou seja, como praticam as suas ações pedagógicas deformativas, com seus meios e fins específicos: ‘ensinar a sociedade’ a modos de vida fascizante. Esses ensinamentos se alinham a experimentos antiéticos com humanos, policiamento, vigilância em massa, relativização dos direitos humanos, conforme discutido por Helbing (2009). Além disso, essas ações têm se movimentam por meio de estratégias para a desdemocratização, em prol dos princípios dos homens de bem, movimento de afirmação do estado patriarcal e teocrático.

O excerto do depoimento de Frota nos ajuda a pensar como as milícias digitais bolsonaristas se articulam para minar a democracia de dentro para fora. Elas se utilizam das próprias instituições (principalmente públicas) para implodi-las e para atacar, agredir, assediar múltiplos ‘inimigos’, sobretudo as pessoas que compõem essas instituições e os serviços prestados por elas. Essas milícias contam com as intermediações e as redes financeiras e de apoio de representantes políticos eleitos pelo voto popular, que, por sua vez, facilitam a efetivação da destruição da nossa democracia, a sua implosão.

Ampliando as nossas discussões, trazemos adiante o depoimento da deputada federal Joice Hasselmann (PSL/SP) para mostra como são tratadas as questões de funcionamento, valor, forma de organização das milícias digitais em/na rede:

Eu estou contra uma organização criminosa que funciona de maneira coordenada, alguns fazem com dolo, outros fazem simplesmente pelo efeito manada [...] Em média, para fazer um disparo, um disparo por robôs [...] Gasta-se vinte mil reais. Vocês imaginem quantos disparos, quantas *hashtag*, quantas informações. Eu estou falando só do disparo do robô [...] Vocês imaginem o que está por trás, a produção, o pensamento, enfim, né?! ([Deputada federal Joice Hasselmann – PSL/SP](#), 2019).

Em outro trecho do seu depoimento, Joice (PSL/SP) detalha como são operacionalizadas as ações didático-pedagógicas de cada ataque dessas milícias na/com a rede. É interessante notar como o depoimento de Hasselmann vai ao encontro do deputado Frota:

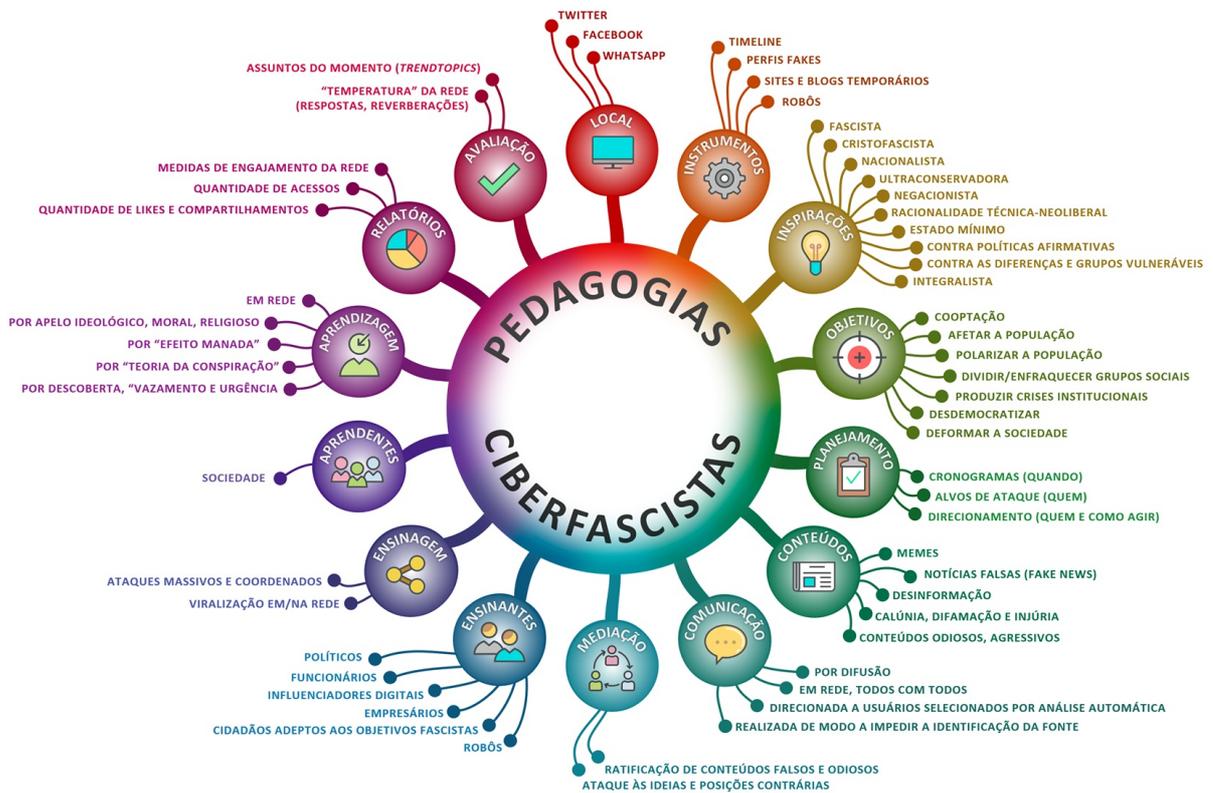
Escolha-se um alvo. O alvo é escolhido. Combina-se o ataque, e há inclusive um calendário, de quem ataca, quando. E aí quando esse alvo está escolhido, entram as pessoas de verdade e entram os robôs. Por isso que em questões de minutos, minutos, cinco, dez minutos, às vezes, a gente tem uma informação espalhada para o Brasil inteiro. Parece realmente que o Brasil inteiro está discutindo aquela informação. E é uma sensação, isso também é *fake*, é uma sensação que é passada para que muitos fiquem atemorizados, aterrorizados com o levante da internet [...] Vou trazer uma outra informação. Uma coisa importante é que muitas dessas páginas e perfis que postam conteúdos nem sempre são *fakes*, alguns são *fakes*, outros são difamatórios [...] Muitos [conteúdos] são de agressão. Eles postam em algumas páginas, aí uma hora depois, por exemplo, deletam, só que depois que foi delatado, já está circulando nas redes e nos grupos do WhatsApp. Então não tem mais como você segurar a informação e nem tem como fazer uma errata ([Deputada federal Joice Hasselmann PSL/SP](#), 2019).

O depoimento da deputada Joice (PSL/SP) não só mostra como funcionam as práticas pedagógicas ciberfascistas como revela quais são os instrumentos didáticos em/na rede, as tecnologias de governo, que são “aqueles meios a que, em determinada época, autoridades de tipo diverso deitam mão para moldar, instrumentalizar e normalizar a conduta de alguém” (Ó, 2009, p. 105). O depoimento evidencia como essas milícias atuam em conjunto, colaboração e parceria, para atacar de forma coordenada, a partir de múltiplas redes e mecanismos, e com cronograma estabelecido.

Uma outra discussão que consideramos importante observar no depoimento da deputada é a experimentação do uso de *bots* em larga escala para produzir a sensação de todos estarem falando do mesmo assunto simultaneamente. Apostamos que essa sensação produz também uma anestesia em nossos corpos, como se não pudéssemos nos movimentar e ao mesmo tempo como se estivéssemos todos sem saída, imobilizados, inclusive com a democracia totalmente perdida. Já em outras pessoas essa sensação energiza, vitaliza, faz aflorar as pulsações de desejos (ainda) mais fascistas e desumanos.

Esses depoimentos contribuíram para que chegássemos ao entendimento (resultado) de que as milícias digitais mobilizam pedagogias ciberfascistas: àquelas pedagogias operacionalizadas para governar as condutas dxs sujeitxs por meio da produção, partilha e viralização de práticas e de conteúdos odiosos, destruindo a humanização do outro, transformando-o em coisa, objeto, algo sem vida. Por fim, detalhamos na Figura 1 um esquema das operações que dão sentido e forma às pedagogias ciberfascistas, considerando-se a particularidade do contexto nacional, porém mediado por fluxos ciberculturais globais.

Figura 1– Componentes das Pedagogias Ciberfascistas



Fonte: Autor

## Referências

DELEUZE, Guilles; GUATTARI, Felix. **Mil platôs: do capitalismo à esquizofrenia**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.

ECO, Umberto. **Contra el fascismo**. Lumen, 2018.

FOUCAULT, Michael. **Ditos e escritos IV – Estratégia, poder-saber**. Rio de Janeiro: Forense editora, 2006.

FROTA, Alexandre. [CPMI Fake news - Depoimento do deputado federal Alexandre Frota](https://www.youtube.com/watch?v=BHPRw5L_K9I). YouTube. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=BHPRw5L\\_K9I](https://www.youtube.com/watch?v=BHPRw5L_K9I)>. Acesso em 4 de dez. de 2019

HASSELMANN, Joice. [CPMI Fake news - Depoimento da deputada federal Joice Hasselmann](https://www.youtube.com/watch?v=D3PqYNPCaBw). YouTube. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=D3PqYNPCaBw>>. Acesso em 4 de dez. de 2019.

HELBING, Dirk. Digital Fascism Rising? In: **Towards Digital Enlightenment**. Springer, Cham, 2019. p. 99-102.

Ó, Jorge Ramos do. A governamentalidade e a história da escola moderna: outras conexões investigativas. **Revista Educação & Realidade**, v. 34, n. 2, 2009.

SANTAELLA, Lucia. **A pós-verdade é verdadeira ou falsa?** São Paulo: Editora Estação das Letras e Cores, 2018.